

PEDRO NEVES • RITA GUERRA

Teses

em Ciências Sociais

Dicas muito práticas



EDIÇÕES SÍLABO

*Aos nossos pais, pelo ensino da resiliência
e capacidade de trabalho.*

*Aos nossos alunos, por nos lembrarem constantemente
de como é estar no «outro lado da barricada».*

*À Margarida, cujos jantares catárticos nos ajudaram
a ultrapassar os obstáculos das nossas teses.*

*E claro, ao Diogo, Tiago e Groo, simplesmente
por existirem nas nossas vidas.*

Teses em Ciências Sociais

Dicas Muito Práticas

PEDRO NEVES

RITA GUERRA



EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, **NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA**, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA:

Título: Teses em Ciências Sociais – Dicas Muito Práticas

Autores: Pedro Neves, Rita Guerra

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: © Stockyimages | Dreamstime.com

Intellectual Student Recollect The Answer Photo

1ª Edição – Lisboa, Novembro de 2015.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 400113/15

ISBN: 978-972-618-829-2

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Índice de figuras e tabelas	9
Prólogo	11
Capítulo I – Bem-vindo/Welcome/Bienvenue/Willkommen	15
Metáforas, histórias e reflexões	20
Capítulo II – As primeiras escolhas	25
A escolha do tema	26
A escolha do orientador	35
A escolha da estrutura temporal	40
Capítulo III – Trate a informação por tu	45
Como pesquisar a informação	47
Como seleccionar a informação	52
Como arrumar a informação	60
Resposta ao <i>Como</i> : a metáfora da ampulheta	63
Capítulo IV – Os dados são nossos amigos	69
Metodologia	72
Operacionalização das variáveis	76
Recolha da amostra	79
Tratamento e interpretação dos dados	84

Capítulo V – Escreva como se não houvesse amanhã	91
O processo de escrita	97
Cuidados especiais na redacção	106
Capítulo VI – Tire o trabalho da gaveta	113
Exponha o seu trabalho	115
Capítulo VII – Em jeito de conclusão	131
Questões Éticas	132
Sumário de boas e más práticas	135
Epílogo – 10 mandamentos para fracassar na sua investigação	137
Referências	143

Índice de figuras e tabelas

Figuras

Figura 1. O processo cíclico e recursivo de uma tese	16
Figura 2. Plano de execução de uma tese de mestrado	43
Figura 3. Metáfora da ampulheta	63
Figura 4. Modelo de escrita científica	94
Figura 5. Erros mais comuns nas submissões ao JEPS	108

Tabelas

Tabela 1. Vantagens e desvantagens mais comuns dos orientadores seniores <i>versus</i> juniores	37
Tabela 2. Número de <i>hits</i> em múltiplos motores de busca	46
Tabela 3. <i>Rankings</i> JCR em Psicologia Aplicada e Psicologia Social (2014)	58
Tabela 4. <i>Rankings</i> JCR em Sociologia e Gestão (2014)	59
Tabela 5. <i>Checklist</i> para construção de questionários	78
Tabela 6. Actividades de garantia e controlo de qualidade	80
Tabela 7. Guia para escrita académica	105
Tabela 8. Alterações à dimensão da tese	111
Tabela 9. Taxas de rejeição nas revistas da APA em 2014	125
Tabela 10. Críticas ao factor de impacto	127
Tabela 11. Exemplo de processo de submissão	129
Tabela 12. Resumo de boas e más práticas	135

Prólogo

Se alguma coisa puder correr mal,
seguramente correrá mal.

Lei de Murphy

Parece que foi ontem que terminámos as nossas teses... e continuamos ainda hoje a conversar sobre esse processo que se revelou central para a nossa formação enquanto investigadores e professores, mas acima de tudo para o nosso desenvolvimento enquanto pessoas. Conseguimos lembrar com alguma vividez a excitação de querer encontrar um tema relevante e que pudesse de alguma forma contribuir para o avanço da ciência e para a compreensão da sociedade; a motivação resultante de finalmente ter descoberto o caminho que queríamos percorrer; a satisfação de ter o primeiro artigo publicado ou de receber um elogio pelo nosso trabalho numa conferência; a sensação de realização quando finalmente ouvimos «Parabéns, a sua tese foi aprovada»!

No entanto, nem tudo foram rosas. E mesmo que tivessem sido, todas as rosas têm espinhos. Quando começámos a escrever este livro, a verdade é que gastámos tanto tempo a falar das coisas boas como das dificuldades que sentimos durante o processo de realização das teses. Recordamos a luta que foi encontrar o tema «certo», o tempo despendido a ler artigos que muitas vezes não serviram para nada, o desalento de ver o tempo passar e sentir que não estávamos a fazer progressos, ou o desespero de não conseguir recolher os dados que precisávamos à velocidade que queríamos. Apesar de não termos quaisquer dúvidas de que valeu a pena, não ignoramos e esquecemos as dificuldades sempre presentes, bloqueando, dificultando, mas também fortalecendo a nossa crença de que não foram em vão todos os minutos de esforço que dedicamos às nossas teses!

É por querermos partilhar convosco o que aprendemos em toda a nossa árdua caminhada que decidimos escrever este livro. Para que possam ir mais além do que nós fomos, evitando erros, esforços inúteis, potenciando o que fizemos bem e minimizando o que fizemos menos bem. Sem pretensiosismos de tudo saber, apresentamos **IDEIAS PRÁTICAS** para vos ajudar a ultrapassar as dificuldades inerentes às diversas fases de preparação e apresentação de uma tese ou trabalho similar nas diversas áreas das Ciências Sociais. Queremos falar-vos destas dificuldades, para que quando as encontrem – e acreditem que irão cruzar-se com algumas – não sintam que é o fim da linha, mas apenas mais um dos passos que terão de dar para conseguir realizar tudo aquilo que se propuseram alcançar. Não pretendemos com este livro debruçar-nos sobre os aspectos técnicos de elaboração de teses – outros já o fizeram antes e com bastante sucesso – mas sim sobre as questões e escolhas práticas com que se irão deparar.

Muitas das sugestões que aqui deixamos têm sido defendidas por outros colegas, e sempre que for esse o caso, faremos a devida referência para que possam fazer pesquisas adicionais. Como em tudo na vida, existirão também outros colegas que não concordarão com alguns dos pontos de vista aqui expressos. É normal. A diversidade de opiniões é central para a construção do conhecimento científico e, naturalmente, respeitamos as suas perspectivas. O nosso objectivo é estimular o auto-conhecimento, a discussão e a reflexão sobre o **SEU** percurso em particular. E acreditamos que neste livro encontrará seguramente questões, dúvidas e problemas com as quais se identificará.

Este livro foi elaborado tendo como base diversas fontes, entre as quais:

- a nossa experiência pessoal nos dois lados da barricada: não só enquanto professores e investigadores, mas também enquanto ex-alunos;
- conversas com professores e alunos sobre as dificuldades normalmente sentidas na criação, desenvolvimento e execução de um trabalho científico;
- uma revisão exaustiva da literatura existente em língua inglesa sobre a elaboração de teses e trabalhos científicos.

O livro está dividido em seis partes distintas. Na **PRIMEIRA PARTE** introduzimos o tema que nos inspirou a redigir este livro – investigação e elaboração de teses – apresentando alguns aspectos pessoais que consideramos serem importantes para terminar o percurso com sucesso, bem como algumas histórias e metáforas que exemplificam a forma como os seus intervenientes vêem o processo de tese. Na **SEGUNDA PARTE** discutimos algumas das escolhas que são determinantes ainda antes de se iniciar formalmente o processo de tese. Destas salientamos a escolha do tema, do orientador e da estrutura temporal. Na **TERCEIRA PARTE** entramos no trabalho da tese propriamente dito e analisamos a pesquisa e compilação da informação relacionada com o tema da tese. Na **QUARTA PARTE** apresentamos algumas dicas relacionadas com a metodologia, a recolha, análise e tratamento dos dados – quer estes sejam quantitativos ou qualitativos. Na **QUINTA PARTE** focamos os detalhes envolvidos na redacção de uma tese e salientamos alguns aspectos que facilitam em grande medida o processo de escrita. Na **SEXTA PARTE** focamos uma parte do processo de investigação que normalmente é descuidada, a exposição dos trabalhos. Acreditamos que muitos trabalhos têm potencial para ser apresentados a um público mais vasto, em conferências ou em revistas, permitindo maximizar o proveito do investimento feito. Na **SÉTIMA E ÚLTIMA PARTE** fazemos uma resenha do que apresentámos ao longo do livro e resumimos aquelas que consideramos serem as melhores e piores práticas, discutimos questões éticas pertinentes para o processo de investigação terminando com a adaptação de um texto de Donald Keough, ex-Presidente da Coca-Cola, sobre a receita infalível para conseguir fracassar a todo o custo no seu trabalho.

Tivemos a preocupação de utilizar uma linguagem simples e compreensível, fazendo uso de exemplos práticos e recorrendo ao humor para aligeirar um tema que seguramente trará muitas dores de cabeça a muitos estudantes. Este livro foi escrito de forma a poder ser abordado de múltiplas formas: pode ser lido de uma só vez, num fim-de-semana, para acalmar aqueles que estão já a antecipar a tese que só irão iniciar daqui a um ano; pode ser lido aos poucos, à medida que vão encontrando dificuldades, por aqueles que já deitaram mãos à obra e sentem que necessitam de dicas práticas para resolver proble-

mas específicos; poderá ser ainda ser lido *a posteriori* para confirmação de que o que foi feito poderia ter sido – ou não – melhorado (esperamos que não cheguem à conclusão de que existiam soluções mesmo à mão de semear para facilitar o processo que na altura vos custou tanto: o famoso «ah, se eu soubesse na altura o que sei hoje»). O melhor, de facto, é lerem este livro antes de iniciar. Ao vosso gosto e ao vosso ritmo; ou seja, este é um livro para ser saboreado *al gusto* para vos ajudar a fazer uma tese *al dente*.

Boa sorte para o vosso trabalho!

Pedro Neves

Rita Guerra

Capítulo I

Bem-vindo/Welcome/ /Bienvenue/Willkommen

Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida.

Sérgio Godinho
(músico, *O Primeiro Dia*, 1978)

Parabéns! Se está a ler este livro é porque: (a) é aluno do Ensino Superior e agora vê-se confrontado com a necessidade de fazer um trabalho de investigação; (b) achou que a investigação era uma carreira apetecível e decidiu fazer um mestrado ou doutoramento; ou (c) tem tempo livre e achou que uma forma útil e compensadora de o ocupar era fazer investigação em Ciências Sociais. Independentemente das razões que o trouxeram até aqui, encontrará nas próximas páginas uma guia prático para o ajudar a cumprir com sucesso o seu objectivo.

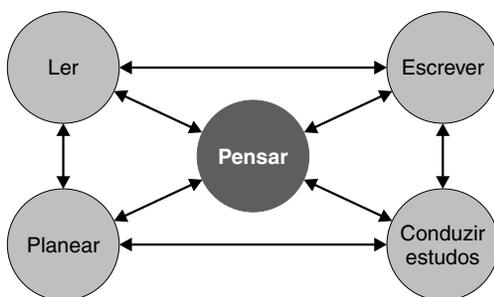
Formados na tradição de um dos pais da Psicologia Social moderna, Kurt Lewin,¹ acreditamos que é através da investigação que compreendemos o que se passa à nossa volta e que conseguimos encontrar respostas e soluções à medida para as questões e os problemas relevantes que se colocam à sociedade. Muito embora haja ainda vestígios da ideia pré-concebida de que a investigação e a prática são realidades separadas, independentes e com poucas probabilidades de alguma vez se aproximarem, esta ideia tem vindo a desaparecer, tanto no mundo académico como no mundo «real». Como as duas faces de

⁽¹⁾ Kurt Lewin (1890-1947) foi um dos mais influentes psicólogos sociais, tendo sido pioneiro no estudo sistemático do comportamento humano e sendo por isso considerado o pai da psicologia social contemporânea.

uma mesma moeda, investigação e prática encontram-se intimamente ligadas e ser-se bom investigador significa ir muito para além da mera execução de uma tese. Aprender a sistematizar o conhecimento, conceptualizar, planear e executar, ter uma postura crítica sustentada, receber, aceitar e aprender com a crítica, interpretar dados empíricos e trabalhar de forma íntegra, são algumas das competências gerais que são desenvolvidas na investigação e que têm aplicação prática imediata no dia-a-dia das pessoas.

O trabalho de investigação que irá desenvolver engloba múltiplas dimensões (veja Figura 1) que muitas vezes se sobrepõem no tempo: terá de planear o seu trabalho, aprofundar o seu conhecimento da literatura, recolher dados (a oportunidade de recolher dados e ter ideias pode surgir a qualquer momento, pelo que será conveniente andar sempre com os meios para que os possa registar). Todo o processo pode ocorrer numa sequência diferente da esperada ou estruturada inicialmente, pelo que perante os avanços e recuos terá de demonstrar capacidade de planeamento, mas também de improvisação, bem como uma quase inesgotável fonte de resiliência e energia.

Figura 1. O processo cíclico e recursivo de uma tese¹



Antes de começar a pensar no seu trabalho de investigação existem alguns aspectos pessoais sobre os quais vale a pena reflectir, pois irão determinar o seu ritmo, o doseamento da sua energia, a sua moti-

⁽¹⁾ Adaptado de Brause (1999).

vação e capacidade de realização do projecto que pretende levar a cabo. Jim Canterucci¹ salienta quatro catalisadores internos que melhoram o desempenho e que é oportuno referir neste momento: consciência, curiosidade, focalização e iniciativa.

A **CONSCIÊNCIA** envolve estar atento ao que se passa consigo e com o ambiente e saber reconhecer os problemas quando estes surgem. Se conseguir reconhecer as dificuldades ou problemas, terá maior capacidade para lidar de forma activa com eles. A **CURIOSIDADE** envolve uma procura quase constante de novas ideias ou oportunidades nas mais diversas situações. Isto faz com que olhe para situações que podem parecer banais ou óbvias através de uma lente diferente captando e interpretando assim novas perspectivas da mesma realidade. Os melhores trabalhos de investigação são muitas vezes aqueles que se debruçam sobre temas acerca dos quais se acreditava que tudo estava dito. A **FOCALIZAÇÃO** é o terceiro catalisador. Tal como a curiosidade, a focalização permite estar constantemente à procura de potenciais soluções para os problemas, mesmo em situações que aparentemente nada tenham a ver com o objecto de estudo. Por último, a **INICIATIVA** permite otimizar os três catalisadores referidos e ajuda a implementar a solução, pois implica transformar as ideias em acção. Muitas ideias interessantes ficaram, e ficam, arrumadas na gaveta porque as pessoas não conseguem passar da teoria à prática.

Tendo em conta estes catalisadores, existem dois exercícios de auto reflexão que deve fazer (e cujo impacto vai bastante além da tese), pois ajudam a otimizar o papel dos catalisadores para o seu caso em particular:

Conheça-se a si próprio

Deve procurar avaliar, de uma forma objectiva (pelo menos, tanto quanto possível), algumas das competências fundamentais para realizar uma investigação/tese de modo a conseguir ajustar os seus objectivos às suas capacidades. Tenho a motivação necessária? Consigo conciliar a realização da tese com a minha vida pessoal e laboral? Quanto

⁽¹⁾ Canterucci (2005).

tempo tenho disponível para realizar o meu projecto de investigação? Tenho a energia necessária para trabalhar aos fins-de-semana? Consi go lidar com a pressão e os prazos que me serão colocados?

O objectivo não deve ser desenvolver a melhor tese do mundo (por alguma razão se diz que o óptimo é inimigo do bom), mas sim um projecto que o faça sentir realizado. A melhor forma de conseguir lidar com as dificuldades de uma investigação é vê-la como um escape da tensão do dia-a-dia e não como um factor adicional de tensão... Se este for o seu caso, habilita-se a começar com o pé esquerdo (e a ter que recorrer a ajuda para lidar com o stress).

Desenvolva a sua auto-confiança e auto-eficácia

Muitas vezes bloqueamos porque nos sentimos inseguros acerca da nossa capacidade de lidar com as exigências da investigação (isto é, reduzidas percepções de auto-eficácia¹). Para uns é na escolha do tema; para outros é na recolha dos dados; para outros ainda, na análise dos dados... Uma boa estratégia para prevenir e/ou aprender a lidar com estes acidentes é recolher informações sobre as exigências do trabalho (ir à biblioteca da sua faculdade ver trabalhos realizados por colegas seus, conversar com eles e também com professores para saber com exactidão quais os requisitos e os regulamentos). Isto permitir-lhe-á antecipar estas dificuldades e desenvolver estratégias para lidar com elas. Procedendo assim, consegue avaliar de forma (mais) objectiva aquelas que podem ser as principais dificuldades, mas também aperceber-se de quais são os seus pontos fortes, permitindo-lhe conservar o equilíbrio homeostático² e sentir-se capaz de levar a bom porto o seu trabalho.

Para além deste momento de auto-reflexão, antes de iniciar uma investigação deve também procurar avaliar diversos aspectos exteriores a si próprio, que pode não ter capacidade de controlar, mas que

(1) Bandura (1997).

(2) *Homeostasia* é um processo de auto-regulação através do qual um sistema biológico tende a manter estabilidade interna ao mesmo tempo que se ajusta a condições óptimas para a sua sobrevivência (equilíbrio dinâmico) (*Encyclopaedia Britannica*).

podem determinar o grau de sucesso da sua iniciativa. Deve pelo menos ter atenção a dois aspectos:

a) Conheça as regras do jogo

Um elemento importante, muitas vezes descuidado no início da jornada, prende-se com os requisitos específicos que a escola onde pretende realizar o seu trabalho científico impõe, bem como as suas próprias tradições. Quais são as suas tradições? Quais as metodologias e modelos teóricos mais utilizados na escola? Qual o formato de trabalho aceite pela instituição? Requer um artigo científico? Uma tese mais extensa? Um conjunto de artigos? Se for um ou mais artigos, estes têm de ser submetidos a uma revista científica antes de poder defender a tese? Quais os prazos impostos para realizar o trabalho? Se não conseguir cumprir nos prazos estabelecidos existe a possibilidade de um adiamento? Quais os encargos financeiros associados à realização do trabalho? Estas perguntas são importantes na medida em que permitem saber exactamente, a nível formal, com o que pode contar ao nível da sua instituição, em cada fase do processo de investigação. Não ceda à tentação de pensar que fazer estas perguntas é assumir uma atitude pessimista. Ninguém consegue prever com exactidão como vai decorrer a investigação, pelo que o melhor mesmo é estar preparado para o que der e vier.

b) Conheça os seus interlocutores

Muitas vezes tendemos a menosprezar o poder informacional que outros agentes, como os nossos colegas, antigos alunos, pessoal administrativo do departamento ou técnicos bibliotecários têm enquanto fontes de informação importantes para o nosso trabalho de investigação. Estes recursos são não só importantes como fontes para as nossas ideias (como veremos mais adiante), mas também são importantes na medida em que podem contribuir para o nosso melhor conhecimento desta ou daquela instituição em particular: os seus professores, as suas experiências e histórias e muitos outros pormenores. Como já devem saber, todas as organizações têm um conjunto de regras

e normas formais – que geralmente se encontram disponíveis a todos aqueles que as quiserem consultar – mas, para além destas regras e normas definidas e explícitas, existem outras, com carácter informal, que com tanta ou mais força podem definir e modelar os comportamentos esperados de si. E são precisamente os agentes atrás referidos que lhe podem explicar as normas implícitas que a instituição espera que todos sigam. Um exemplo: Algumas escolas têm como norma informal não permitir que os seus alunos defendam a tese sem que os seus trabalhos estejam publicados ou submetidos a revistas internacionais com revisão por pares¹ (e esta informação pode ser confirmada perguntando a outros alunos ou ao seu orientador).

Metáforas, histórias e reflexões

No pain, no gain^{2,3}

Jane Fonda (actriz, algures nos anos 80)

Correndo o risco de soar a banalidade, o processo de investigação é um processo dirigido quer para o exterior quer para o interior de nós mesmos. À medida que avançamos na investigação e o processo se complexifica, vamos descobrindo coisas que desconhecíamos: que somos capazes de executar tarefas de grau de dificuldade elevado; que somos capazes de superar adversidades; que somos mais perseveran-

(¹) A revisão por pares (ou *peer review*) é um sistema utilizado nas publicações científicas com o objectivo de ajudar a validar a investigação. Este sistema consiste em ter investigadores independentes e especialistas na área a ler e comentar um trabalho científico, estando a sua publicação dependente da avaliação que estes fazem acerca da sua qualidade, validade e contribuição (<http://www.elsevier.com/reviewers/what-is-peer-review>).

(²) Sem dor não há ganho (tradução livre).

(³) Decidimos manter no texto algumas citações/expressões na língua inglesa sempre que achamos que algo se perde na sua tradução. Nestes casos, será colocada numa nota de rodapé uma possível tradução. Esta é uma decisão pessoal nossa, pela qual assumimos a responsabilidade.



PEDRO NEVES. Doutorado em Psicologia Social e das Organizações, Professor Associado e Director do Programa Doutoral em Gestão na Nova School of Business and Economics. Os seus trabalhos têm sido publicados em diversas revistas internacionais, incluindo *Journal of Applied Psychology*, *Journal of Business Ethics*, *Journal of Occupational and Organizational Psychology* e *The Leadership Quarterly*. Publicou três livros na área de Comportamento Organizacional e pertence ao *Board of Directors* da *International Association of Applied Psychology* (IAAP). Recebeu o Prémio RH na Categoria de Investigação (2009, *RH Magazine*) e o *Outstanding Reviewer Award* (2010) da *Academy of Management – OB Division*.



RITA GUERRA. Doutorada em Psicologia Social, Investigadora Auxiliar no Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS-IUL) do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, desenvolve pesquisa nas áreas das relações intergrupais, preconceito, imigração e identidade. Os seus trabalhos têm sido publicados em diversas revistas internacionais, incluindo *Psychological Science*, *European Journal of Social Psychology* e *Group Processes and Intergroup Relations*, e em diversos livros e manuais da especialidade (publicados pela *Psychology Press* e *Oxford University Press*). Tem coordenado vários projectos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM).

Tivemos a preocupação de utilizar uma linguagem simples e compreensível, fazendo uso de exemplos práticos e recorrendo ao humor para aligeirar um tema que seguramente trará muitas dores de cabeça a muitos estudantes. Este livro foi escrito de forma a poder ser abordado de múltiplas formas: pode ser lido de uma só vez, num fim-de-semana, para acalmar aqueles que estão já a antecipar a tese que só irão iniciar daqui a um ano; pode ser lido aos poucos, à medida que vão encontrando dificuldades, por aqueles que já deitaram mãos à obra e sentem que necessitam de dicas práticas para resolver problemas específicos; poderá ser ainda ser lido *a posteriori* para confirmação de que o que foi feito poderia ter sido – ou não – melhorado (esperamos que não cheguem à conclusão de que existiam soluções mesmo à mão de semear para facilitar o processo que na altura vos custou tanto: o famoso «ah, se eu soubesse na altura o que sei hoje»). O melhor, de facto, é lerem este livro antes de iniciar. Ao vosso gosto e ao vosso ritmo; ou seja, este é um livro para ser saboreado *al gusto* para vos ajudar a fazer uma tese *al dente*.

In Prefácio

“ **O sucesso depende da preparação prévia e sem essa preparação seguramente haverá fracasso.**

Confúcio



**Um guia
para superar
os obstáculos
e desafios de
quem escreve
uma tese.**

